

PESQUISA QUALITATIVA E A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA: FUNDAMENTOS QUE NORTEIAM SUA TRAJETÓRIA

QUALITATIVE RESEARCH AND THE PHENOMENOLOGICAL PERSPECTIVE:
FUNDAMENTALS THAT GUIDE THEIR ROUTE

INVESTIGACIÓN CUALITATIVA Y LA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA:
FUNDAMENTOS QUE NORTEAN SU TRAYECTORIA

Elizabeth Mendes das Graças*

RESUMO

A proposta deste estudo é discorrer sobre a pesquisa qualitativa, que tem como referencial a abordagem fenomenológica. Tomando a análise do fenômeno situado como uma das modalidades desse tipo de investigação, discutem-se os momentos fundamentais da trajetória proposta ao pesquisador, ou seja, a descrição, a redução e a compreensão fenomenológica. Comentam-se ainda alguns recursos básicos a serem utilizados na construção da pesquisa que busca, na metodologia compreensiva da fenomenologia, descrever os fenômenos humanos como experiência vivida.

Palavras-chaves: Pesquisa; Metodologia Compreensiva; Abordagem Fenomenológica

A Escolha da Abordagem Fenomenológica

Ao propor investigar o cotidiano do homem, tomando como referencial a abordagem fenomenológica, o pesquisador espera ir além do mundo das aparências e dos conhecimentos teóricos e se aproximar da experiência humana sob novas perspectivas para apreendê-la a partir de sua dimensão existencial, da "ek-stase", que se anuncia velada.

Busca caminhos que o conduzirão mais próximo do sentir e do pensar de quem vivencia uma determinada situação, evidenciando, assim, a condição ontológica do ser humano que está existindo numa experiência mundana e atribuindo-lhe significados.

O termo fenomenologia deriva das palavras gregas: "phai-nomenon", que pode ser traduzida como aquilo que se mostra por si mesmo, o se mostrante, o manifesto; e "logos", significando, aqui, o discurso esclarecedor que se estabelece pela comunicação. Portanto, a palavra "fenomenologia" pode ser entendida como "o discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo". Martins & Bicudo⁽¹⁾

Logo, a fenomenologia visa basicamente estudar "a aparição do ser na consciência ao invés de supor sua possibilidade dada antecipadamente" Giles⁽²⁾, pois essa modalidade de pes-

quisa considerada como recurso metodológico, propõe-se investigar de forma direta as vivências humanas e compreendê-las, sem se prender a explicações causais ou a generalizações. Para tal, ela abdica, quanto possível, de pressupostos, hipóteses ou teorias explicativas, para "ir-à-coisa-mesma", quer dizer, buscar a experiência consciente do indivíduo, que é vivida de modo único, pessoal. Experiência esta, contida no mundo subjetivo de cada ser humano e que só se pode conhecer através do que é revelado quando sobre ela se interroga. Trata-se, então, de um movimento em direção à compreensão e à interpretação do fenômeno descrito e não à sua explicação.

Análise Qualitativa do Fenômeno Situado

A modalidade de pesquisa fenomenológica que procuro tratar neste trabalho é a análise qualitativa do fenômeno situado, segundo Martins & Bicudo.¹

Ao se escolher essa trajetória, não se parte de um "problema", mas de uma interrogação sobre dúvidas advindas da região de inquérito onde se situa o fenômeno. Deve-se, por conseguinte, de início, situar o fenômeno, isto é, deve haver um sujeito que descreva sua vivência em uma determinada situação. É no discurso deste sujeito sobre sua experiência vivencial que se busca uma aproximação com a essência ou estrutura do

* Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto do Departamento de ENB/EEUFMG

Endereço para correspondência:
Av. Alfredo Balena, 190
CEP-30130-100 • Belo Horizonte • Minas Gerais

fenômeno. Na experiência do sujeito, portanto, o fenômeno se mostra como essência vinculada à existência.

Assim, a região de inquérito a ser delimitada para realizar a investigação é o próprio contexto em que o fenômeno se realiza, através da experiência de alguém, do "lebenswelt"* - refere-se ao mundo-vida de cada um de nós, pré-reflexivo, pré-objetivo. Esta situacionalidade faz com que a região vá além do espaço físico, geográfico, e se caracterize, também, por um contexto existencial, ontológico, onde se encontra o que se quer inquirir. Dessa forma, na região de inquérito, a apropriação do fenômeno pelo pesquisador se dá através dos discursos que enunciam as experiências vividas por aqueles que ali se encontram.

Nas descrições desses sujeitos é que se busca elucidar a indagação sobre aquilo que se quer apreender, extraindo delas os significados que levarão à estrutura e à compreensão do fenômeno.

Para aí chegar, terão de ser percorridos três momentos fundamentais na trajetória proposta ao pesquisador: a descrição, a redução e a compreensão fenomenológica. Apesar de descritos em partes, tais momentos não devem ser visualizados como sequenciais, pois os modos de proceder do investigador estão *"longe de ser individualmente separados como se fossem passos estanques, mas superpõem-se em uma combinação sincrética, ou seja, em uma fusão que se realiza no momento da pesquisa."* Martins & Bicudo⁽¹⁾

A Descrição Fenomenológica

A descrição fenomenológica, para Merleau-Ponty⁽²⁾ envolve três elementos:

1. A percepção, que toma para si a primazia no processo de reflexão

Isto considerando que:

"a experiência da percepção nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas, as verdades, os bens; que a percepção nos dá um logos em estado nascente, que nos ensina, fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade; que ela nos recorda as tarefas do conhecimento e da ação." Merleau-Ponty

É, pois, pela percepção que as coisas do mundo se anunciam a um sujeito, ela é um modo de acesso ao ser das coisas.

2. A consciência que se dirige para o mundo, consciência do corpo vivido, e que é a descoberta da subjetividade e da intersubjetividade.

Quer se afirmar com isso que os processos conscientes são intencionais e há sempre um direcionamento para algo ou alguém; a essência mesma da consciência é o movimento em direção ao mundo. A consciência envolvida no "corpo próprio" só é, em relação ao mundo, atuando na subjetividade e na intersubjetividade humana.

* "Lebenswelt" - refere-se ao mundo-vida de cada um de nós, pré-reflexivo, pré-objetivo.

3. O sujeito com possibilidade de experienciar o corpo vivido, através da consciência, e sendo capaz de dialogar com os outros e com o mundo.

É a percepção que funda o ato do conhecimento, uma vez que, por meio da consciência, a pessoa descobre o contato do seu próprio ser com o ser do mundo. Mostrando, com a afirmação, que é em sua subjetividade corporificada que o homem se torna um ser consciente das coisas, do outro e de si mesmo. Num movimento intencional que se abre ao mundo e aos outros; a consciência corpórea não só opera na subjetividade, mas, também, na intersubjetividade quando há diálogo entre os indivíduos.

Este é o mundo fenomenológico que envolve a percepção e a consciência do sujeito, e dele se pode dizer que:

"(...) é, não o do ser puro, mas o sentido que transcende à intercessão de minhas experiências e a intercessão de minhas experiências com as do outro, pela engrenagem de umas sobre as outras, ele é, pois inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que fazem sua unidade pela retomada das minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha." Merleau-Ponty⁽⁴⁾

Em se tomando o referencial da fenomenologia na trajetória metodológica é pertinente afirmar que os objetos são intencionados pela consciência de um sujeito percebedor que vive e interroga as coisas do mundo. E é na experiência desse corpo vivido, no seu encontro com o mundo que se vai buscar a descrição onde se ressaltará, em sua essência, o fenômeno que se estuda. Através do relato do sujeito é que se pretende descobrir como este se percebe como um ser no mundo, o sentido que ele dá às situações em que se encontra envolvido. A sua expressão é o caminho escolhido para descrever a natureza da experiência por ele vivida.

É a partir da subjetividade do discurso, trabalhando com as experiências do pensar e do agir dos sujeitos, que se procura chegar à objetividade descritiva, na crença de que tudo que é objetivo agora, foi antes pensado e, portanto, subjetivo. Subjetividade reconhecida como importante e desejada na abordagem fenomenológica de pesquisar, porque é ela, acrescenta Fini⁽⁵⁾, que permite alcançar a objetividade.

O pesquisador vai, então, ao encontro dos depoimentos ingênuos do sujeito, do seu falar espontâneo, sem interpretações ou reflexões prévias do que este possa estar vivendo no seu "mundo-vida", na sua "experiência noética". Para isso, os depoimentos não devem partir de roteiros ou perguntas diretas, mas de uma questão aberta, geral, que seja capaz de nortear sem, contudo, restringir a exposição dos sujeitos sobre o tema investigado. Uma questão que abra possibilidade para um fluir livre do relato, permitindo ao fenômeno se mostrar tal como é, na sua própria linguagem, sem se direcionar pelos pressupostos do pesquisador. Deixando ao expositor "ser o autor, o definidor de sua própria realidade." Oiler⁽⁶⁾.

A descrição, reforçam Martins & Bicudo⁽¹⁾,

"será tão melhor quanto mais facilitar o leitor ou o ouvinte, a reconhecer o objeto descrito. O seu mérito principal não é sempre a exatidão ou o relato dos pormenores do objeto descrito, mas é a capacidade de criar, para o ouvinte (ou para o leitor) uma reprodução tão clara, quanto possível, do mesmo."

A relação dialógica, onde o sujeito formula o seu discurso, ao relatar a sua experiência ao pesquisador, é considerada, então, um dos momentos da metodologia.

A Redução

Como foi comentado, a proposta fenomenológica tem como finalidade mostrar o núcleo essencial do fenômeno, e para que isso aconteça, de acordo com Husserl⁽⁷⁾, é necessário recorrer à Redução Fenomenológica ou "Epoché", que é a colocação do mundo exterior entre parênteses para que a investigação se dê apenas com as operações realizadas pela consciência. Isso, entretanto, não deve ser entendido como negação ou limitação do mundo, mas um modo de suspender qualquer juízo a seu respeito para poder conhecê-lo a partir de sua origem, intuindo a sua essência.

A proposta husserliana, para Ribeiro Jr.⁽⁸⁾, é um procedimento de investigação que, por intermédio da reflexão intuitiva, interna, permite passar do objeto à essência do mesmo, fixando-o em sua intencionalidade.

Ao abordar a redução fenomenológica, Merleau-Ponty^(4,9) salienta que as essências trazem consigo todas as relações vivas da experiência e, conseqüentemente, estão vinculadas à existência. Comenta ainda que chegar à essência do mundo não é aproximar-se daquilo que ele é em idéia, mas chegar àquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização. A redução eidética - correlato a eidos, refere-se à essência, conforme descreve,

"é a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos, é a ambição de igualar a reflexão à vida irrefletida da consciência."

O autor diz mais:

"Quando opero a redução fenomenológica [...] tento fazer aparecer e explicitar em mim esta fonte pura de todas as significações que em torno de mim constituem o mundo, e que constituem meu eu empírico."

Pelo exposto, vê-se que, para efetivar a redução, é preciso adotar uma atitude em que se permita colocar o fenômeno em evidência a fim de que tenha possibilidade de manifestar-se por si mesmo, assumindo uma postura que facilite a ruptura de nossa familiaridade com ele para que possa aclarar-se sozinho.

Esta operação, considerada como situação de pesquisa, tem como principal objetivo a identificação pelo pesquisador dos significados contidos nos relatos que expressam a percepção do sujeito sobre os eventos por ele vivenciados, sem embasar-se em categorias definidas a priori. Trata-se de encontrar no

falar espontâneo do sujeito as idéias fundamentais que sustentam o seu discurso, evocando o fenômeno em sua fonte primária. O que não condiz afirmar que o pesquisador deva desconsiderar as suas experiências anteriores, uma vez que, o pré-reflexivo delas advindo vai se transformando naturalmente em um conteúdo reflexivo ao longo da investigação, à medida que o fenômeno vai se revelando.

Visa-se, então, selecionar no discurso o que pode ser considerado essencial e que constitui momentos da experiência do sujeito. Instante em que se direciona a consciência para coisas, pessoas, emoções, enfim, tudo que compõe a experiência num perscrutar cuidadoso, porquanto

"o mostrar-se ou expor-se à luz, sem obscuridade, não ocorre em um primeiro olhar do fenômeno, mas paulatinamente, dá-se na busca atenta e rigorosa do sujeito que interroga e que procura ver além da aparência, insistindo na procura do característico, básico, essencial do fenômeno." Bicudo⁽¹⁰⁾

Nesta etapa, o pesquisador utiliza-se da reflexão e, como recurso metodológico, tenta variar imaginativamente os constituintes da experiência, com o objetivo de constatar se suas ocorrências, nas mais diversas circunstâncias, poderiam alterar a estrutura do que se investiga. Tentando focar-se na percepção do experienciador e, adotando como referência o conteúdo de sua descrição, passa a imaginar como o sujeito vive as situações que menciona e o que pretende dizer quando se expressa, orientado por uma

"atitude dialogal e de acolhimento do outro em suas opiniões, idéias e sentimentos, procurando colocar-se na perspectiva do outro para compreender e ver como o outro vê, sente ou pensa." Capalbo⁽¹¹⁾

Por intermédio da variação imaginativa, pode-se trazer à consciência do pesquisador o que não é diretamente perceptível e que está contido no discurso. Essa atitude fenomenológica permite romper com a visão comum e buscar novas possibilidades de variação daquilo que se apresenta de início. É a hora em que se destacam partes da experiência nas quais se acredita encontrar significados cognitivos, afetivos e expressivos, passando a imaginar cada parte como presente ou ausente naquele contexto. Com esse ato comparativo e com a eliminação do que não se tornou expressivo, segundo a compreensão do pesquisador, será possível reduzir o discurso ao que parece essencial para elucidar o fenômeno.

A Compreensão

Para que a compreensão se apresente, afirma Martins,¹² é preciso que haja algo ou alguém perante nós que esteja querendo comunicar-se, seja verbalmente, por meio da escrita ou na maneira própria de se mostrar solicitando um significado. Baseando-se no referencial fenomenológico heideggeriano, a compreensão se definiria como um estado constante de projeção no sentido das inúmeras possibilidades que despertam das entidades à medida que o homem se defronta com o mundo e

o interroga. Projeção como movimento para lançar-se à frente, pro-jetar-se em direção a possibilidades das quais se pensa ser capaz de apropriar-se.

Nesta acepção, salienta Espósito^(13,14), com- preender, para Heidegger, não é nada que se possui, "*mas, antes, é um modo ou elemento do ser-no-mundo. É, pois, ontologicamente fundamental e anterior a qualquer ato de existência*". Reflexão que coloca a compreensão não mais como um modo de conhecer, mas de ser, uma vez que, "*em toda compreensão de mundo, a existência também está compreendida e vice-versa*". Heidegger⁽¹⁵⁾

A compreensão é o modo de ser onde o "ser-aí" se faz presença cheio de possibilidades para construir projetos. Ela não é um atributo, mas um elemento constitutivo do "ser-aí", um estado essencial que a caracteriza no âmbito do poder-ser. Logo, toda compreensão do mundo envolve a compreensão da própria existência, a autocompreensão. Cada pessoa tem um horizonte particular onde a compreensão se realiza, desta forma compreende-se o mundo e os outros sob uma perspectiva individual, um ponto de vista exclusivo. Da compreensão, pode-se dizer também que está sempre atrelada à interpretação; só interpretamos o que previamente foi compreendido, sendo a linguagem responsável para torná-la explícita.

Ao referir-se à compreensão do fenômeno humano, Merleau-Ponty⁽⁴⁾ acentua que não se trata de acreditar no que o outro diz,

"nem de reduzir suas experiências às minhas, nem de coincidir com ele, nem de ater-me ao meu ponto de vista, mas de explicitar minha experiência e sua experiência tal como ela se indica na minha [...] trata-se de compreender uma pela outra".

Como orientação metodológica para análise do fenômeno, a compreensão do "ato humano" numa experiência vivida por alguém, chama atenção Capalbo⁽¹¹⁾, requer a compreensão da plenitude de sua significação em evidenciar a totalidade das suas conexões e das suas inter-relações, enfim, em situá-lo na totalidade de sua experiência.

"Atitude" fenomenológica que se inicia durante a redução fenomenológica através do envolvimento existencial e do afastamento reflexivo entre o pesquisador e o pesquisado, como corrobora Forghieri⁽¹⁶⁾. Envolvimento existencial aqui considerado como o retorno do pesquisador às vivências pré-reflexivas relatadas por alguém, estabelecendo com elas uma profunda sintonia a ponto de penetrá-las e conhecê-las. E o afastamento reflexivo como o distanciar-se para refletir e analisar essas vivências, na tentativa de enunciar o seu significado, subsidiando-se no que se captou do encontro com aquele que as experienciou. São momentos inter-relacionados e reversíveis, visto que o primeiro se converte no segundo e este novamente no primeiro, assim, sucessivamente, até que o pesquisador se dê por satisfeito com os conhecimentos obtidos.

Observa-se, então, que a compreensão surge quando o pesquisador aceita o resultado da redução como um conjunto

de asserções significativas que evidencia, em sua totalidade, a experiência consciente do sujeito investigado.

Na modalidade de pesquisa do fenômeno situado, o caminho da reflexão para construir a "síntese" da compreensão interpretativa se concretiza com a análise ideográfica, podendo estender-se ou não à análise nomotética, conforme sugerem Martins & Bicudo⁽¹⁾.

Na análise ideográfica, o alvo é a apreensão da ideologia que subjaz nos relatos de cada sujeito pesquisado; na análise nomotética, é a apreensão geral do que se mostra nos casos individuais.

Com esta compreensão interpretativa elabora-se a construção final dos resultados, objetivando apropriar-se daquilo que se estuda em sua intenção total.

Momentos de Construção da Pesquisa

Para conhecer e compreender a experiência vivida pelas pessoas a serem investigadas, o pesquisador deve propor-lhes uma questão suficientemente clara, a fim de poderem entender o que delas se pretende e, ao mesmo tempo, bastante ampla para se expressarem livremente sobre o fenômeno interrogado. Com o propósito de garantir ao máximo a liberdade dos depoentes, é preciso atentar-se para que não haja condução e nem interrupção dos relatos que só devem se encerrar quando os mesmos deixarem claro que nada mais têm a dizer em relação à pergunta norteadora.

Segundo sugere essa modalidade de pesquisa, o número de participantes do estudo fica condicionado à compreensão do fenômeno investigado. Assim sendo, o pesquisador só irá finalizar a coleta dos depoimentos quando os dados obtidos se mostrarem suficientes para elucidar o fenômeno, o que ficará evidente no instante em que os discursos começarem a se repetir e não surgirem mais descrições que tragam novos conteúdos significativos para o seu desvelamento.

Como trajetória metodológica, essa procura se efetiva, inicialmente, selecionando-se, em cada relato, trechos que parecem conduzir ao essencial da experiência do depoente. Para isso, o pesquisador precisa realizar leituras sucessivas do discurso até inteirar-se do seu contexto, mantendo o olhar sensível para aquilo que possa conter significações existenciais do fenômeno que procura compreender. Aos poucos, ele vai identificando partes que, na relação com o todo, trazem sentido ao seu mundo vida; surgindo, daí, de forma espontânea, as unidades de significado que revelam o pensar da pessoa pesquisada sobre a experiência vivida. Começa-se, então, a redução fenomenológica, tendo sempre como referencial a questão norteadora da investigação.

As unidades de significado selecionadas, ainda na linguagem coloquial do sujeito, às vezes, requerem transformações, com objetivo de tornar claro o seu conteúdo e até mostrar as estruturas que, à primeira vista, pareciam ocultas. Elas podem também ser agrupadas, de acordo com as semelhanças de seus temas, interpretadas e, se necessário, sintetizadas. Deste modo, reúnem-se, em cada discurso, as asserções conver-

gentes, sem, no entanto, desconsiderar as unidades de significado tidas como unitárias por tratarem de algo não relacionado pelas demais.

No decorrer da interpretação fenomenológica, o pesquisador tenta compreender os significados expressos nas falas e traduzi-los conforme a sua percepção, mantendo-se, porém, fiel às idéias do depoimento como um todo. Deve assumir responsabilidade para com o pesquisado, de maneira que o relato da experiência vivida por este não seja ameaçado. Na função de doador de significado, o investigador precisa atentar para que não haja substituição do sentido inserido no discurso.

Com os procedimentos mencionados, será possível ter uma concepção da estrutura individual do fenômeno e complementar a análise ideográfica ou análise psicológica individual. É o momento em que se dá o encontro das intersubjetividades do pesquisador-pesquisado, e que se caracteriza como a síntese das proposições em cada discurso capaz de retratar o essencial do fenômeno como estrutura individual.

Na trajetória metodológica em questão, depois da análise ideográfica, pode-se optar ainda para a elaboração da análise nomotética, com a finalidade de compreender o conjunto de proposições extraídas de todos os relatos e construir os resultados, tendo uma visão ampla do fenômeno.

Se fosse considerada a origem grega da palavra nomotética, essa análise estaria ligada à formulação de regras e leis provenientes ou baseadas em fatos empíricos e contingentes. Entretanto, devido às características dos dados não factuais obtidos na pesquisa qualitativa, tal terminologia é estabelecida apenas para designar a ação reflexiva do pesquisador na transposição dos achados individuais para uma proposição geral. Pela análise nomotética, realiza-se, pois, a passagem da visão individual, ou da estrutura psicológica individual, para a estrutura psicológica geral, que se manifesta a partir do estudo, em conjunto, dos vários discursos.

Para delinear a estrutura ou essência geral, é necessário que, após rever as proposições reveladoras de todos os depoimentos, o pesquisador estabeleça comparações entre elas, procurando descobrir as convergentes, as divergentes, bem como as idiosincrasias, ou seja, aquelas que não se repetem nem fazem oposições às demais, apesar da relação que, por vezes, conservam ao abordarem temas comuns. Nesse confronto, é possível agrupar as unidades e formar as categorias a serem refletidas na construção dos resultados. Aqui, a atenção deve-se voltar para aspectos que, mesmo não estando referenciados explicitamente nos depoimentos, apresentam-se em seus conteúdos de forma implícita.

É preciso destacar que as categorias encontradas são reconhecidas como "abertas" por permitirem interpretações diversas, tendo em vista que, na pesquisa fenomenológica, não se espera uma conclusão fechada; há uma abertura a possibilidades de diferentes interpretações, conforme a situacionalidade daquele que as interpreta.

Por meio das proposições convergentes dos vários discursos, pode-se chegar, então, às características das estruturas individuais as quais manifestam uma verdade geral dos sujeitos

estudados. E, nas idiosincrasias, serão detectadas percepções singulares de experienciar situações tidas como semelhantes que, embora constituam mensagens particulares, mostram-se relevantes para uma compreensão mais abrangente do fenômeno vivido.

Ao terminar a análise nomotética, é possível vislumbrar com maior clareza não só as percepções individuais como as generalidades que formam a unidade essencial ou estrutura geral do fenômeno, calcadas nas experiências de quem o está vivendo, o que é suficiente para embasar a construção final dos resultados.

Todo o processo de reflexão dos dados tem de ser pautado no rigor científico, que na pesquisa fenomenológica, não é encontrado nos recursos externos de controle, julgamentos ou regras de validação, mas no nível do conhecimento que é produzido pelos discursos estudados. É, pois, um rigor interno do pesquisador que se formaliza ao tratar os dados com precisão, evitando interferir nas falas dos sujeitos ou distorcê-las, ao mesmo tempo, é intersubjetivo quando com os depoimentos se consegue um diálogo sensível. O pesquisador o mantém se for capaz de, com fidelidade, tornar claro o conteúdo dos discursos, respondendo, a sua interrogação inicial e, com isto, gerar novos conhecimentos. Como afirma Bicudo⁽¹⁰⁾: "O rigor do pesquisador fenomenólogo se impõe a cada momento em que interroga o fenômeno e ao seu próprio pensar esclarecedor".

É um rigor epistemológico que envolve essencialmente o pesquisador e culmina com a transformação de seu saber. Portanto, deve estar presente em todas as fases da pesquisa, uma vez que a sua presença se reflete diretamente na qualidade dos resultados finais.

Compreensão do Fenômeno: uma Síntese Inacabada

Mesmo que nessa modalidade de pesquisa se pretenda alcançar a essência do que se investiga, o pesquisador deve ter consciência ao trabalhar um discurso, que este se refere a um momento existencial. Diante disto, por mais preocupação que haja em tornar evidente o fenômeno estudado outras evidências poderão se mostrar, pois a sua totalidade é inesgotável. Por estar associado à existência humana, o revelado poderá até ser avaliado como suficiente, mas continuará sempre incompleto e inacabado. Sua essência é contextualizada em uma situação determinada na temporalidade existencial, o que faz com que os conhecimentos provenientes desse tipo de investigação sejam gerais, não podendo ser aceitos como universais. E, apesar de o método fenomenológico explicitar a compreensão do fenômeno, tem-se a certeza de que esta não será nunca alcançada em sua plenitude, visto que a verdade jamais se mostra totalmente. Ela tanto se revela como se oculta, ocultamento este que igualmente se caracteriza como forma de manifestação à medida que assegura as infinitas possibilidades de que dispõe o fenômeno para se desvelar.

Os resultados obtidos por uma única pesquisa referem-se a uma perspectiva de investigar o fenômeno; outras generalida-

des poderão surgir, dependendo de como for abordado, em se considerando as suas inúmeras possibilidades de se deixar perceber. Apropriando-me do dizer de Fini⁽⁶⁾, poderia acrescentar que, por não se esgotar a compreensão do fenômeno, mantém-se sempre viva a interrogação sobre ele.

Paradoxalmente, há de se acreditar ainda que, ao se repetirem, as proposições se mostram como essenciais aos sujeitos investigados; logo, é admissível esperar a possibilidade de que elas venham a aparecer novamente em outros sujeitos que estejam vivenciando situações semelhantes. Contudo, as repetições não devem ser concebidas como um determinismo causal, linear, mas como qualidades possíveis de surgirem.

Summary

The purpose of this study is to discuss qualitative research which has as its reference the phenomenological approach. Taking the analysis of the placed phenomenon as one of the modes of this kind of investigation, it discusses the fundamental moments of the suggested route for the researcher, i.e., the description, reduction and phenomenological understanding. It also comments some basic resources to be used in building research which seeks to describe human phenomena as living experience through the comprehensive methodology of phenomenology.

Key-words: Research; Comprehensive Methodology; Phenomenology

Resumen

La propuesta de este estudio es discurrir sobre la pesquisa cualitativa, que tiene como referencia el abordaje fenomenológico. Tomando el análisis del fenómeno situado como una de las modalidades de este tipo de investigación, discute los momentos fundamentales de la trayectoria propuesta al investigador, o sea, la descripción, la reducción y la comprensión fenomenológica. Comenta aún algunos recursos básicos a ser utilizados en la construcción de la pesquisa que busca en la metodología comprensiva de la fenomenología describir los fenómenos humanos en lo que se refiere a experiencia vivida.

Unitermos: Pesquisa; Metodología Comprensiva; Abordaje Fenomenológica

Referências Bibliográficas

1. Martins J, Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989:110.
2. Giles RT. Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty. Rio de Janeiro: Vozes, 1979:422.
3. Merleau-Ponty M. O primado da percepção e suas consequências filosóficas. São Paulo: Papyrus, 1990:93.
4. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994:662.
5. Fini MI. Sobre a pesquisa qualitativa em educação que tem a fenomenologia como suporte. In: Bicudo A, Espósito VHC (Org.). Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994:23-33.
6. Oiler C. The phenomenological approach in nursing research. Nurs Res 1982; 1(3):178-81.
7. Husserl E. Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). São Paulo: Nova Cultural, 1988: 184p. I-XV: Vida e obra. (Os Pensadores). (Original alemão).
8. Ribeiro Jr J. Fenomenologia. São Paulo: Pancast, 1991:93.
9. Merleau-Ponty M. Ciências do homem e fenomenologia. São Paulo: Saraiva, 1973: 77.
10. Bicudo MAV. Sobre a fenomenologia. In: Bicudo A, Espósito VHC (Org.). Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994:15-22.
11. Capalbo C. Fenomenologia e ciências humanas. Rio de Janeiro: Z. Ozon, s.d.:113.
12. Martins J. Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poiesis. São Paulo: Cortez, 1992:142.
13. Espósito VHC. Hermenêutica: estudo introdutório. Soc Est Pesq Qualit 1991; 2(2):85-112.
14. Espósito VHC. Interrogações, horizontes, compreensões. In: Bicudo A, Espósito VHC. (Org.) Pesquisa qualitativa em educação. Piracicaba: UNIMEP, 1994:185-96.
15. Heidegger M. Ser e tempo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988:325.
16. Forghieri YC. Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1993:81.